

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UM RELATO DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO AMBIENTE DA UESB

Elvis Nathan Muniz Araújo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Luiz Claudio Meira Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Patrícia Andrade de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo traz uma análise de uma situação comum no ensino-aprendizagem nos dias atuais, dos desafios encontrados nesse cenário pandêmico, que atinge professores e alunos. Partindo do pressuposto que o ensino remoto é umas das fontes de ensino mais propícias, para ser cumprido neste período de quarentena. O objetivo geral deste trabalho é apresentar algumas concepções gerais sobre o que é o ensino remoto emergencial e analisar alguns relatos de alunos do curso de pedagogia da UESB sobre como essas aulas remotas estão repercutindo no dia a dia, suas dificuldades e necessidades de adaptação a esse novo modelo de ensino.

Palavras-chave: Educação. Ensino remoto. Pandemia.

Introdução

O Ensino Remoto Emergencial (ERE), surge como alternativa para as salas de aulas presenciais, tendo em vista a crise sanitária decorrente do COVID-19. A pandemia de COVID-19 abre uma nova discussão sobre o ensino, agora mirando no mundo virtual e todas as dificuldades encontradas para a implantação de uma modalidade alternativa ao ambiente presencial das salas de aulas. Falar da relação entre pandemia e educação é um tema novo, mas, não significa afirmar que já não haja um centro de produções sendo apresentadas sobre a questão. A efervescência do momento pede por isso. Por esforços constantes para entender a atual conjuntura e desenvolver meios sólidos para amenizar os desgastes sofridos no processo educativo.

Vivemos um novo momento, e por isso mesmo, devemos buscar compreendê-lo. O primeiro passo que damos é estabelecer a diferença entre ensino Remoto Emergencial (ERE) e Educação a Distância (EAD). Ainda que as duas modalidades estejam sob a denominação de Educação Online (o processo educativo por meio do ciberespaço), faz-se necessário distinguir as respectivas características de cada modalidade. A Educação a Distância distingue-se do Ensino Remoto Emergencial (ERE) pelas peculiaridades teóricas que sustentam essa modalidade de ensino. Enquanto que na EAD a toda uma organização teórica que sustenta essa modalidade, no Ensino Remoto Emergencial nos deparamos com uma modalidade que se vê obrigada a adaptar o currículo, até então pensado para a educação em sala de aula (presencial), para os ambientes virtuais de aprendizado (AVA).

Outra problemática que pode surgir nesse contexto de educação online (no contexto pandêmico, de ensino remoto emergencial) está ligada a uma situação em que, professor e alunos se veem inseridos em um ambiente até então estranho para a maioria dos envolvidos nos processos educativos. Professores que são obrigados a repensarem sua prática, em vista da demanda tecnológica, própria da educação Online. Alunos que não têm acesso a um mínimo de recursos (dispositivos, internet), basilares para o acesso às plataformas digitais de aprendizagem.

Tendo em vista as problemáticas abordadas, buscamos apresentar a fala de alguns estudantes do curso de pedagogia da UESB. Culmina-se, portanto com a análise das respostas de estudantes de Pedagogia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, obtidas através de questionário online (Google Formulários). Percebe-se uma grande ansiedade por parte desses estudantes. Muitos anseiam pela retomada das aulas presenciais; o mundo escolar que até então lhes era conhecido.

O objetivo geral deste trabalho é refletir sobre as dificuldades do ensino remoto emergencial, e as problemáticas conceituais e práticas que surgem desse novo contexto, a partir do referencial apresentado, reflexionando a realidade do ERE vivenciado e evidenciado nas respostas de alguns estudantes do curso de Pedagogia da UESB. Fez-se escolha metodológica pela pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Realizamos consultas aos trabalhos de Valente et al (2020), Castells (2005), Moreira (2021) e Moran (2018). Para as falas dos estudantes da UESB, preparamos um questionário, contendo três (3) perguntas diretas, onde o indivíduo teria a liberdade de preparar uma resposta aberta às questões; o questionário foi encaminhado via Google Formulário, pelo WhatsApp. As questões postas foram:

1. Como você se sente em relação ao ensino remoto emergencial?
2. Quais foram as principais dificuldades encontradas?
3. Qual ponto positivo você percebe no Ensino remoto emergencial?

O que é ensino remoto emergencial?

A pandemia de Coronavírus foi, e ainda é, uma das maiores tragédias sanitárias de toda a humanidade. Não imaginávamos o quão terrível um vírus poderia ser. Pessoas foram afastadas, famílias separadas; lojas foram obrigadas a fecharem; o comércio foi paralisado. Medidas difíceis de aceitar, mas extremamente necessárias para vencermos a batalha contra o vilão invisível. O distanciamento social surge então como escudo protetor, para frear a transmissão do vírus Sars-cov-2. As instituições escolares, como não poderiam deixar de ser, entraram nessa luta, e trancaram as suas portas, paralisando as aulas presenciais. Nesse tenebroso contexto, surgiu uma dúvida pertinente, *o que será das nossas salas de aulas?* Ou talvez, uma questão mais propícia, *o que será do processo educativo institucionalizado?* Surge então o ensino remoto emergencial, como alternativa às salas de aulas presenciais. Trocamos as carteiras escolares, pelos nossos sofás ou poltronas; trocamos a lousa pelo quadro virtual; trocamos o papel pelo PDF. Uma nova realidade educativa se configura em meio ao medo, às incertezas do amanhã.

Como aponta Valente et al (2020, p. 4): “Desde que a pandemia de COVID-19 chegou ao Brasil, as discussões sobre a Educação a Distância (EaD) e ensino remoto emergencial (ERE) têm ocupado a cena e recebido maior destaque na área da educação.”

Nunca havíamos vivido um momento como este em que nos encontramos. Passamos por pandemias anteriores, isso é fato, mas, nunca havíamos experimentado uma pandemia ao lado das tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Vivemos um momento outro, que nossos antepassados não tiveram a oportunidade de vivenciar. A pandemia de COVID-19 trouxe consigo todo um mundo de discussões, não só na área da educação. Mas, focalizando nessa área, o lócus dos discursos se concentra na questão das medidas tomadas para enfrentamento da pandemia e continuidade do ensino escolar pelo mundo virtual. Tendo em vista essa situação, faz-se oportuno compreender e distinguir Educação a Distância, de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Valente et al (2020, p. 4), citando Rodrigues (2020), afirma que:

Nessa direção, Rodrigues (2020) evidencia que a primeira coisa importante que precisamos registrar é a diferença entre EaD e atividades do ERE. Na EaD, segundo a autora, desde o planejamento até a execução de um curso ou

de uma disciplina, há um modelo subjacente de educação que ampara as escolhas pedagógicas e organiza os processos de ensino e de aprendizagem. Existem concepções teóricas, fundamentos metodológicos e especificidades que sustentam, teórica e praticamente, essa modalidade.

Como podemos observar, a Educação a Distância é metodologicamente planejada e executada tendo em vista essa modalidade de ensino. Por outro lado, (Hodges, Moore, Lockee, Trust & Bond, 2020. apud VALENTE et al, 2020, p. 4), a respeito do Ensino Remoto Emergencial afirmam que:

No que diz respeito ao ERE, há uma adaptação curricular temporária como alternativa para que ocorram as atividades acadêmicas relacionadas às diversas disciplinas dos cursos, devido às circunstâncias de crise; a mesma envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas, que doutra forma seriam ministradas presencialmente, ou de forma híbrida que retornariam ao formato presencial assim que a crise ou emergência arrefecer.

Ao contrário da Educação a Distância, cuja gênese e consumação se focaliza em responder a uma modalidade de ensino, que é a de educar a distância, independente da situação. Totalmente online ou de forma híbrida, o seu locus primário é atender a essa modalidade. O que não pode ser dito do ERE, uma vez que, este surge como alternativa para uma situação emergencial, adaptando seu currículo, pensado para o mundo físico (as salas de aulas presenciais), para o mundo virtual. A própria natureza do Ensino Remoto Emergencial lhe separa qualitativa e quantitativamente da Educação a Distância. Isso não quer dizer que uma modalidade seja superior a outra, isso apenas mostra que não podemos tomar as modalidades como sinônimos. Essa adaptação não pode, em hipótese alguma ser sinônimo de redução da qualidade do processo de ensino. Toda adaptação tem perdas e ganhos. O que perdemos e o que ganhamos com o Ensino Remoto Emergencial ainda pode ser motivo de intensos debates, uma vez que, quando falamos em sistemas de ensinos, há muito mais para se avaliar do que a superfície; a ponta do *iceberg* (a sala de aula virtual e os processos que ali são realizados) é apenas uma amostra do que há no interior (problemas estruturais; defasagem idade série; problemas socioeconômicos, etc.).

Ensino remoto: uma visão sociopolítica

O momento que vivemos é de calamidade pública. As redes de ensino procuram se adaptar a essa nova modalidade de ensino e aprendizagem. O ensino remoto se faz presente na vida acadêmica dos estudantes das diversas universidades do Brasil e do mundo; emerge como a opção mais adequada encontrada para o presente momento, professores e alunos em um meio

virtual se esforçam para fazer funcionar o Ensino Remoto Emergencial. Mas existem muitas dificuldades nesse novo modelo. Professores despreparados para o contexto digital; alunos que não tem acesso a internet e tudo que roda essas duas perspectivas.

Observa-se que os docentes encontram dificuldade em utilizar as plataformas que são designadas pela instituição, pois eles não foram preparados para estar nesse meio digital, provavelmente eles tinham o acesso básico sobre este mundo, mas durante a sua formação não se fazia necessário o uso dessas tecnologias, nesse período pandêmico eles foram forçados a aderirem a um novo normal, que são as aulas online, em salas virtuais, espaços de interatividade, tudo dentro dessa cultura digital. A dificuldade foi eminente. É um novo *jeito* que precisa de adaptação, de um período curto de curso para se familiarizar com os novos recursos.

O nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo mundo. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias (CASTELLS, 2005, p. 16).

Segundo o autor, a tecnologia é moldada segundo as necessidades do usuário, e os professores estão se reinventando para fazer com que ela esteja a serviço da educação, refazendo planejamentos, tornando o currículo adaptável para esse novo normal. São muitos os desafios, mas não só os professores estão tendo que se adaptar a essa modalidade de ensino.

Os alunos estão tendo muitas dificuldades em relação à adaptação, são longos períodos de aulas virtuais sentados em frente a telas como: computadores, tablets e celulares. O que acontece é que isso tudo pode ocasionar transtornos e causar mal-estar nos envolvidos. Mesmo com a tentativa dos professores de ajustarem as aulas para um campo digital, ainda é necessário que haja uma reflexão sobre a questão do tempo, desempenho e funcionalidade do seu planejamento.

[...] o Ensino Remoto de Emergência é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido às circunstâncias desta crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas idênticas às práticas dos ambientes físicos, sendo que o objetivo principal nestas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional online robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise (Moreira & Schlemmer, 2020, p. 9).

Segundo as autoras, trata-se de um ensino emergencial, que não deve ser denso como se faria no presencial. É preciso repensar com urgência essa transferência da sala de aula presencial para o ambiente virtual, não é transportar de um meio para outro, precisa-se de uma nova metodologia adequada para o momento vivido.

Esse cenário pandêmico pegou todo mundo de surpresa e o despreparo foi geral, mas a educação não pode parar. Os alunos têm direito a educação e essa deve ser de qualidade; no entanto, o que eles enfrentam é a dificuldade do acesso a internet, tornando-se um transtorno para muitos deles; isso impede a aprendizagem, pois é a principal ferramenta para se estar no ambiente virtual, sem a qual fica impossível ter acesso aos conteúdos, e as atividades propostas pelo professor. Apesar desse meio virtual ser a principal forma de continuar o curso escolhido, a falta de acesso adequado está se tornando o principal motivo de evasão. Faltam investimentos, faltam recursos, para a permeância e qualidade do ensino nessa modalidade.

A tecnologia em rede e móvel e as competências digitais são componentes fundamentais de uma educação plena. Um aluno não conectado e sem domínio digital perde importantes chances de se informar, de acessar materiais muito ricos disponíveis, de se comunicar, de se tornar visível para os demais, de publicar suas ideias e de aumentar sua empregabilidade futura (MORAN, 2018, p. 13).

A abordagem de Moran é muito direta, sem as tecnologias necessárias o aluno não avança; fica estático esperando que haja uma solução, embora a internet seja apenas a ponta do iceberg. Muitos não possuem equipamentos adequados para as aulas online, por causa do valor que deve ser investido, um aparelho que forneça a mínima qualidade para os estudos ainda é caro, para quem não possui renda estabilizada. Nem todos têm condições de comprar, os auxílios digitais disponibilizados por algumas universidades ainda são poucos e não atinge a todos que necessitam.

A educação ainda continua sendo para poucos, as escolas privadas desde o começo da pandemia em março de 2020 se organizaram e começaram as suas aulas. Já as públicas não possuíam investimento para tal, ficaram estagnadas sem previsão para iniciar e quando começou professores e alunos ficaram perdidos em meio à tecnologia, pela falta de formação e pelas condições necessárias para o desempenho do trabalho. Os pobres tiveram que abandonar seus estudos, pois ficou caro manter uma educação à distância, aqueles que continuaram enfrentam problemas com a conexão e com os aparelhos que precisam ser usados durante a aula. Após quase um ano de pandemia o que se vê é muito despreparo para a situação atual e um descaso do governo em investimentos na educação, mas isso não é nenhuma novidade.

Apesar de todos os esforços estarem sendo voltados para a saúde, estamos precisando conviver com a atual situação, achar soluções adequadas para as outras áreas, como a educação, é um dever da urgência do país, pois não sabemos até quando esse cenário vai se manter.

Análise das respostas

Passaremos agora para a análise das respostas coletadas pelo Google Formulário, solicitado a alguns colegas discentes, do curso de Pedagogia da UESB que respondessem a um questionário contendo três perguntas abertas, todas tendo como foco a relação do indivíduo com o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nomeamos aqui os discentes com os títulos A1, A2 e A3, visando preservar a identidade dos participantes.

No questionário feito, três discentes foram perguntados acerca das aulas remotas, com o intuito de entender o sentimento dos futuros docentes em relação à mudança metodológica que ocorreu por conta da pandemia, dito isso, a respeito da primeira questão: “Como você se sente em relação ao ensino remoto emergencial?”. Relativo a essa questão, temos as seguintes respostas:

Estudante A1: “No começo, quando tudo era muito recente e não sabíamos até quando a Pandemia duraria, fui contra o ensino remoto emergencial por acreditar que não iríamos aprender direito. No entanto, hoje percebo que se houver o interesse não é tão difícil assim, até porque as aulas ficam gravadas nos possibilitando assistir novamente. O futuro é incerto, o que faz das aulas emergências uma certeza de que iremos concluir o curso.”

Estudante A2: “É uma modalidade que não me agrada, e que me põe em reflexão sobre a minha formação, e minhas concepções da prática docente. O ensino remoto emergencial está em sua grande maioria, conteudista.”

Estudante A3: “Desesperada”.

O primeiro ponto que destacamos das respostas obtidas, é que, todos em suas respostas relataram uma certa desconfiança quanto ao modelo escolhido para dar continuidade ao processo educativo. Dois participantes disseram ter tido *receio* do ensino remoto antes do primeiro contato, contudo, posteriormente tiveram concepções diferentes em relação ao assunto; já o terceiro indivíduo, se descreveu como *desesperado*.

Relativo à dessemelhança entre os participantes, o primeiro afirmou ser possível o aprendizado, apesar das barreiras, haja vista que as aulas ficam gravadas, além disso afirmou

que com esforço, é sim viável. Referente ao segundo discente, diz não ter gostado da modalidade, por causa de como essa modalidade o faz indagar sobre sua formação e de como afetará as suas futuras práticas docentes.

O segundo aluno traz uma reflexão importante, de como esse recorte de ensino remoto irá influenciar na formação dos estudantes, tendo em vista que eles serão futuros educadores. Esse método de ensino, trará pontos positivos e negativos, dos quais só sentiremos o impacto futuramente, após o término deste período pandêmico, porém considerando o método atual e tudo presente nele, podemos projetar as possíveis consequências geradas por essa modalidade remota, em vista disso, alunos já terão passado por isso, ou seja, já terá uma experiência a respeito desse método, além de que as aulas pendem muito mais dinâmica e criatividade, visto que as aulas síncronas são mais curtas, por isso exigem do professor uma maior adaptação, impactando diretamente na experiência a qual o aluno está sendo exposto nas aulas.

Contudo, como o segundo questionado salientou, o ensino remoto tende a ser muito mais distante e “conteudista”, uma vez que as aulas simultâneas são muito mais curtas, alguns alunos sentem mais dificuldades, e também com esse encurtamento das aulas, os professores inclinam-se para uma elevação na aplicação de mais produções textuais e leituras de artigos e textos, para compensar esse tempo perdido. Porém, este aumento substancial nas atividades textuais, acabam sobrecarregando os discentes, colaborando com a má impressão com relação ao ensino remoto.

Portanto essas respostas retratam dificuldades e questões às quais os estudantes estão expostos por conta dessa mudança abrupta que afetou o método de aulas ao qual tiveram que se adaptar, sem ao menos ter o poder de escolha. Se considerarmos o fato de que não tiveram um contato anterior a esse mecanismo de ensino desde seu ingresso na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sendo assim natural essa desconfiança em relação a toda esta modificação na modalidade docente.

Por ser um vírus de fácil contágio, o contato humano foi bastante limitado, e por conta das medidas que restringem a circulação das pessoas, todo o processo educacional foi afetado, como a parte psicológica dos discentes, os quais têm que se adaptar ao novo ensino, em adição a lidar com o isolamento social, e não poder ir em locais que faziam parte do seu cotidiano como a Universidade.

A segunda questão: “Quais foram as principais dificuldades encontradas?” foi elaborada para conhecer os principais obstáculos aos quais os alunos estão vivenciando neste processo educacional remoto, tendo entre as queixas o cansaço, o acesso à internet, a metodologia adotada pelos docentes e o desgaste mental. Obtivemos as seguintes respostas:

Estudante A1: “Dificuldade com internet e com o cansaço, visto que passar horas na frente de uma tela não é a mesma coisa que passar o mesmo tempo na universidade.”

Estudante A2: “Concentração, acesso, cansaço mental, etc.”

Estudante A3: “Curto prazo para entregar as atividades.”

Dessa forma, respostas recorrentes como a do cansaço, indicam como é maçante para alguns. Já a dificuldade de um acesso à internet de qualidade, está na maioria das vezes relacionado a condições financeiras, ou uma localização da qual não provém de um bom sinal de internet.

Em relação a esses percalços, é inevitável pensar que as condições econômicas e sociais do país, afeta sim a Educação, pois os fatos e dificuldades sociais interferem no desempenho dos alunos, visto que muitos têm a necessidade de trabalhar para conseguir o seu sustento enquanto estuda.

Na última pergunta: “Qual ponto positivo você percebe no ensino remoto emergencial?”, obtivemos as seguintes respostas:

Estudante A1: “O ensino emergencial nos possibilita dar seguimento ao curso e nos formarmos no tempo previsto.”

Estudante A2: “A possibilidade de propor uma nova concepção de educação e tecnologias, favorecendo o processo contínuo de ensino aprendizagem, mesmo em tempos pandêmicos. Porém destaco aqui, que esse destaque não se refere a eficiência e qualidade, mas sim, de um possível potencial, no qual é necessário reflexões e suporte em todas as áreas necessárias, sociais, psicológicas, estruturais, etc. Para um ensino remoto de qualidade, e que não se torne meramente técnico, conteudista, excludente e novamente, um ensino somente da elite.”

Estudante A3: “A segurança, diante desse cenário”

Tivemos o intuito de com esta indagação, buscar reflexionar; poderiam perceber um lado positivo em meio a todo este caos? dito isso, na resposta do primeiro questionado, ele elucida que o ensino remoto os possibilitou continuar o curso, entretanto, o segundo participante, mesmo ressaltando a possibilidade de propor uma nova concepção de educação e tecnologias, alerta para a eficiência e qualidade no processo, e para isso é necessário reflexões de todas as partes, para ter um ensino remoto de qualidade, e para que não se torne meramente técnico, “conteudista”, que não exclua pessoas de menor condições financeiras e estrutural, cujo ensino não favorece apenas a população de uma elite social.

Considerações finais

A pandemia de coronavírus assolou o mundo. Nunca pensávamos que um dia enfrentaríamos um inimigo tão terrível. Escolas foram fechadas, e nesse contexto, surge a necessidade de se adaptar à realidade educativa para uma nova modalidade, capaz de suprir as demandas do momento. O Ensino Remoto Emergencial (ERE) é instaurado em diversas instituições de ensino pelo Brasil. O ERE difere do EAD no sentido de que este último possui todo um arcabouço teórico que sustenta suas práticas, enquanto que no ERE (Ensino Remoto Emergencial) surge como modalidade substitutiva para as aulas presenciais, adaptando o currículo pensado para a sala de aula, para o mundo digital. Os desafios para a educação, nesse contexto são diversos, desde a falta de recursos basilares para que os estudantes acessem as plataformas de ensino; passando pela dificuldade de alunos e professores em manipular os recursos digitais. A vida como um todo foi modificada. Perdemos a “normalidade”. Como evidenciado na fala dos estudantes, isso provoca um sentimento de frustração, de desespero, de dúvida sobre seu processo formativo como um todo. O que será do futuro? É uma questão pertinente para o presente momento.

Referências

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti, *et al.* **O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, e843998153, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8153>

CASTELLS. M. **A sociedade em rede do conhecimento à política.** In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G (Orgs). *A sociedade em rede do conhecimento à ação política.* Imprensa Nacional: Casa da Moeda 2005.

MOREIRA, J. A., & Schlemmer, E. (2020). **Por um novo conceito e paradigma de educação digital online**. Revista UFG, V.20, 63438. Recuperado em 27 de março, 2021, de <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Elvis Nathan Muniz Araújo:

Discente do curso de pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: nathan8maraujo@gmail.com

Luiz Claudio Meira Moreira:

Discente do curso de pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; aluno adjunto do Grupo de Estudos em Didática e Formação de professores (DIFOP): meiraluiz190@gmail.com

Patrícia Andrade de Souza:

Discente do curso de pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; aluno adjunto do Grupo de Estudos em Didática e Formação de professores (DIFOP): Paty23ba@gmail.com